

MONTEIRO LOBATO E A COMPLEXIDADE DO IMAGINÁRIO INFANTIL: UMA LEITURA CRÍTICA DE “A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO”

Diogo Mathias BRUM¹
<http://lattes.cnpq.br>

LOBATO, Monteiro. *A Menina do Narizinho Arrebitado*. São Paulo: Revista do Brasil, 1920.

Monteiro Lobato é amplamente reconhecido como um dos maiores escritores da literatura brasileira, especialmente por sua contribuição à literatura infantil. *A Menina do Narizinho Arrebitado*, publicado em 1920, não apenas inaugura o universo do *Sítio do Picapau Amarelo*, mas também estabelece novas direções para a literatura infantojuvenil no Brasil, desafiando padrões narrativos tradicionais e introduzindo elementos que dialogam com as questões culturais, sociais e políticas de sua época. Este marco literário, além de cativar gerações de leitores, apresenta camadas críticas que vão além do imaginário infantil, permitindo múltiplas interpretações e reflexões sobre o Brasil do início do século XX.

A presente resenha busca analisar algumas facetas da obra, tendo como amparo teórico os seguintes textos de Regina Zilberman: *Monteiro Lobato e sua fantástica máquina de criar* (2020), *Monteiro Lobato e suas fases* (2010), e *O Estatuto da Literatura Infantil* (1984). Esses estudos oferecem uma compreensão mais aprofundada da trajetória literária de Lobato, destacando a evolução de sua produção, suas contribuições à literatura infantil e as problemáticas que emergem de seu legado. As análises de Zilberman são essenciais para entender como Lobato utilizou elementos narrativos para dialogar criticamente com seu contexto social e político, ao mesmo tempo em que construía histórias encantadoras para crianças.

Por meio dessa leitura crítica, a resenha abordará temas fundamentais presentes em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, como a idealização da vida rural, a utilização da fantasia na formação do imaginário infantil e a representação das relações de poder, além de críticas à saúde pública e ao autoritarismo, por exemplo. Esses aspectos não apenas refletem a complexidade da obra de Lobato, mas também ilustram como sua narrativa transcende o entretenimento e se torna um veículo de debate e reflexão sobre questões estruturais da sociedade brasileira.

¹ Graduando em Letras Português-Alemão na UERJ. Mestre e Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. E-mail: mathiasbrum@outlook.com.

Apresentação do Livro

A Menina do Narizinho Arrebitado, escrito por Monteiro Lobato e publicado originalmente em 1920, é considerado um marco na literatura infantojuvenil brasileira. Monteiro Lobato (1882-1948) é um dos mais importantes escritores brasileiros, reconhecido por sua contribuição à literatura infantil e à cultura nacional. Além de criador do "Sítio do Picapau Amarelo", foi também editor e crítico literário, deixando um legado que influenciou gerações.

O livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* apresenta as aventuras de Narizinho, uma menina que vive com sua avó em um ambiente rural, repleto de personagens mágicos e situações fantásticas. A obra explora o imaginário infantil com criatividade e sensibilidade, abordando temas como a curiosidade, a justiça, a inveja, o amor e disputas de poder. Trata-se de uma obra que combina criatividade narrativa e relevância cultural.

A forma como Lobato desenvolve seus personagens, em sua maioria animais com características humanas – “no reino dos animaes, bem como entre os homens, ninguem se conhece.” (Lobato, 1920, p. 31) –, assim como Narizinho e a boneca Emília, captura o imaginário infantil e rompe com alguns padrões literários de circulação no Brasil à sua época. Lobato cria figuras com traços humanos, cheias de peculiaridades e humor, que dialogam diretamente com o público infantil brasileiro. Ele traz elementos locais – como a paisagem e a fauna brasileiras –, aproximando o imaginário das crianças de sua própria realidade e rompendo com a necessidade de importar modelos narrativos estrangeiros, embora não prescindisse totalmente fazê-lo.

A exemplo de algumas obras europeias que circulavam à época, Lobato cria uma personagem, Narizinho, cheia de personalidade, que age com autonomia e coragem, desafiando por meio do mundo imaginário os estereótipos de passividade geralmente atribuídos a meninas (e a mulheres) no início do século XX. Zilberman (2010, p. 144) chama-nos a atenção para esse fato ao pontuar que

Quando Lobato publicou, no final de 1920, *A menina do narizinho arrebitado*, a figura principal era a personagem apontada pelo título, que vivera uma aventura de ordem imaginária, no Reino das Águas Claras, equiparável ao universo maravilhoso dos contos de fadas europeus ou das modernas narrativas dirigidas ao público infantil, algumas em circulação no Brasil, como *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll (1832-1898), *O mágico de Oz*, de Frank Baum (1856-1919), ou *Peter Pan*, de James M. Barrie (1860-1937), todas protagonizadas por garotas que, por certo período de tempo, libertavam-se de seu contexto cotidiano e realista para mergulhar em outro ambiente, pautado quase que exclusivamente por seres e comportamentos administrados pela fantasia.

É importante, contudo, ter em mente que algumas questões de representação cultural presentes na obra devem ser criticamente interpretadas, pois refletem valores de seu tempo e demandam uma análise contextualizada. Em particular, algumas passagens ou personagens podem carregar estereótipos ou visões que, embora comuns à época, não são mais aceitáveis sob a perspectiva contemporânea, como representações raciais ou de classes sociais que reforçam desigualdades ou preconceitos (cf. Menezes e Bussons, 2021).

O livro utiliza uma narrativa ficcional que mescla elementos do realismo com o universo fantástico, estruturada em episódios interligados. A escrita de Lobato é leve, acessível e cheia de diálogos vivos que dão dinamismo à leitura. Essa abordagem permite a construção de um universo lúdico que reflete aspectos culturais e sociais do Brasil da época. A vida rural, representada pela convivência simples entre Narizinho e Dona Benta, destaca a realidade agrária do país, enquanto a precariedade da saúde pública é criticada no episódio do Doutor Caramujo. Questões como desigualdades sociais aparecem nas interações entre personagens de diferentes "camadas" no Reino das Águas Claras, e o autoritarismo é satirizado por meio da figura do Príncipe Escamado. Lobato transforma esses temas em narrativas acessíveis e reflexivas, conectando fantasia e realidade em um diálogo com seu contexto histórico.

Portanto, apoiados nas reflexões de Regina Zilberman (2020; 2010; 1984), que contextualiza as escolhas narrativas de Lobato, é possível identificar na narrativa elementos como a idealização da vida rural, a crítica às instituições públicas, o papel da fantasia na literatura infantil e a representação das relações de poder. Aqui, analisamos o livro à luz dessas reflexões, demonstrando como a obra vai além do entretenimento infantil e se torna um veículo para discussões relevantes da época.

Vida Rural e a Idealização do Interior Brasileiro

No início da narrativa, Lobato introduz os leitores ao ambiente onde Narizinho vive com sua avó. O campo é retratado como um espaço tranquilo, isolado e sem grandes agitações.

Não se passa um dia sem que Lucia vá sentar-se á beira d'agua, na raiz de um velho ingázeiro, alli ficando horas, a ouvir o barulhinho da corrente e a dar comida aos peixes. (*ibid*, p. 6).

E assim vivem aquellas tres creaturas, lá no fundo do grotão, muito socegadas da vida, sem inquietações nem aborrecimentos. (*ibid*, p. 7).

Todavia, Lobato enfatiza junto à simplicidade, a precariedade da vida rural, onde se percebe, já de início, uma ambiguidade crítica:

Naquella casinha branca, — lá muito longe, móra uma triste velha, de mais de setenta annos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e catacega, sem um só dente na bocca— jururú... Todo o mundo tem dó d'ella: — Que tristeza viver sozinha no meio do matto... (Lobato, 1920, p. 5).

Essa imagem, carregada de melancolia, contrasta com a narrativa posterior, que tenta romantizar as condições precárias:

Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pae e mãe, que lá mora des'que nasceu. (Lobato, 1920, p. 6).

Regina Zilberman (2010) identifica essa tensão como um reflexo das próprias contradições de Lobato em relação ao campo. Enquanto ele critica a estagnação rural e a negligência com as populações do interior, sua narrativa, em certos momentos, perpetua a visão romantizada do campo como um espaço idílico. Essa idealização, embora acessível ao público infantil, omite as dificuldades estruturais enfrentadas pelas populações rurais, como a pobreza, a falta de infraestrutura e o abandono por parte do governo.

Ainda assim, é possível perceber que Lobato, por meio da convivência da avó e de Narizinho, valoriza as relações familiares e a simplicidade da vida cotidiana. Essa ambiguidade, apontada por Zilberman, revela um autor que oscilava entre a denúncia social e a preservação de um imaginário infantil de harmonia e felicidade.

Saúde Pública e a Crítica Social Alegórica

No universo mágico do Reino das Águas Claras, Monteiro Lobato encontra espaço para abordar questões sociais relevantes de forma alegórica. O episódio da enfermaria no Reino das Águas Claras oferece um bom exemplo disso. Com humor e ironia, Lobato constrói uma situação que reflete a precariedade do sistema de saúde pública brasileiro, em que o Doutor Caramujo, um médico incompetente e desmotivado, é apresentado como símbolo da falta de eficácia dos serviços públicos da época:

Os dois bagres de barriga amarella estavam numa das camas, embrulhados em tres cobertores, muito pallidos e suando em bicas. Escamado tomou-lhes o pulso e viu que tinham febre alta.

— Queira Deus não batam as botas!... disse elle para Narizinho. O doutor Caramujo é um grande medico mas os doentes d'elle morrem todos... Não tem sorte nenhuma... (Lobato, 1920, p. 19).

O tom humorístico não esconde a gravidade da mensagem: a negligência médica é retratada como consequência de um sistema ineficiente, seja pela imperícia, seja pelas condições de tratamento dos doentes, com a utilização de recursos improvisados (como se lê

adiante, na narrativa, no episódio em que o sapo tem sua barriga costurada com o ferrão das formigas).

Outro exemplo da crítica de Lobato aparece na falta de esperança dos profissionais:

— Muito mal, respondeu Caramujo. Quebrou cinco pernas, rasgou uma asa, e está todo arreventado por dentro. Dei-lhe as pilulas de mestre Escaravelho mas não tenho esperanças de salvá-lo. (p. 20).

Essa metáfora denuncia, de forma acessível às crianças, as condições precárias de saúde enfrentadas pela população brasileira, especialmente nas zonas rurais. Lobato utiliza, assim, sua história para introduzir questões sociais complexas em um formato que pudesse ser compreendido e debatido por jovens leitores. Conforme aponta Zilberman (2010, p. 148):

[...] o escritor já manifestava seu inconformismo diante de hábitos consolidados na vida brasileira [...] [Monteiro Lobato] não abriu mão de sua veia satírica e mordaz [...], [divertindo] seus leitores com a paródia do comportamento indolente e ineficaz dos serviços prestados pela administração pública nacional.

Crítica ao Autoritarismo e às Instituições Governamentais

Outro tema presente na obra é a crítica às instituições governamentais e às figuras de autoridade. No Reino das Águas Claras, o Príncipe Escamado desempenha o papel de líder, mas suas ações muitas vezes refletem a arbitrariedade e o autoritarismo criticados por Lobato. Isso fica evidente em sua decisão abrupta de punir a rã verdolenga:

— Mande enforcar a criminosa num galho do espinheiro grande. (Lobato, 1920, p. 17).

Essa sentença, aparentemente cômica, pode ser interpretada como uma metáfora do comportamento autocrático de líderes que tomam decisões sem considerar os impactos. Para Zilberman (2010), esse tipo de crítica era uma forma de Lobato expressar sua insatisfação com os abusos de poder e a burocracia do governo brasileiro, especialmente em períodos de instabilidade política.

O autor também subverte essas relações de poder ao introduzir personagens infantis que desafiam figuras de autoridade. Narizinho, por exemplo, toma decisões ousadas que vão contra o esperado para uma criança, demonstrando independência e irreverência, como, por exemplo, quando desafia diretamente a decisão autoritária do Príncipe Escamado, intercedendo pela rã e mostrando coragem e senso de justiça, mesmo em uma situação em que poderia ser esperada passividade.

— Quero o perdão do mestre Agarra, declarou Narizinho, que alli está gemendo com as cinquenta pedras na barriga.. (Lobato, 1920, p. 40).

Esse aspecto, destacado por Regina Zilberman (1984), reflete o compromisso de Monteiro Lobato com a formação de jovens leitores que fossem além do consumo passivo de histórias e se tornassem indivíduos capazes de questionar o mundo ao seu redor. Ao criar personagens como Narizinho e Emília, Lobato desafia os modelos tradicionais de comportamento infantil, caracterizados por submissão e obediência, e apresenta figuras que tomam decisões independentes, desafiam figuras de autoridade e demonstram uma curiosidade inquieta em relação ao desconhecido. Essas características servem como um convite para que as crianças leitoras se identifiquem com os protagonistas e adotem posturas igualmente ativas em suas próprias vidas. Um episódio emblemático é aquele em que, após a tentativa frustrada do Príncipe de derrotar o Escorpião, Emília surpreendentemente surge em seu socorro e vence a batalha em seu lugar.

E a lucta terminaria de um modo tragico si um factu assombroso não viesse mudar a situação. E foi que no melhor da batalha surgiu inesperadamente da cozinha uma bruxa de panno, armada de um espeto de assar lombo de porco. [...] Emilia, em fraldas de camisa, avançou para o Escorpião e zás! zás! furalhe os dois olhos num relance. O monstro dá tamanho urro que o palacio estremece, e depois rebola-se no chão espumando de colera e dôr. Hurrah! Estava ganha a batalha, graças ao espeto da estranha creatura em fraldas de camisa. (Lobato, 1920, p. 34-35).

Lobato, portanto, utiliza a fantasia como um espaço para promover valores que ele acreditava serem cruciais para o progresso social, como autonomia, senso crítico e a capacidade de questionar normas impostas. Essa abordagem não apenas diverte, mas educa de forma implícita, apresentando desafios morais e éticos que os jovens leitores podem refletir e internalizar. Em um período de grandes transformações no Brasil, em que a modernização coexistia com estruturas conservadoras e ameaças à democracia, Lobato viu na literatura infantil uma oportunidade de influenciar a mentalidade de uma nova geração, incentivando-a a participar de forma ativa na construção de um futuro diferente.

Por meio de sua obra, Lobato demonstra que a literatura infantil não precisa ser um instrumento apenas de conformidade ou entretenimento, mas pode ser um veículo poderoso para estimular a criatividade e o pensamento crítico, capacitando crianças a questionarem e eventualmente transformarem a sociedade em que vivem.

O Papel da Fantasia e a Formação do Imaginário Infantil

A transição entre realidade e fantasia em *A Menina do Narizinho Arrebitado* é uma das características mais marcantes da obra, permitindo que Monteiro Lobato explore temas complexos de maneira acessível e envolvente para os jovens leitores. Essa alternância se dá por

meio da introdução de elementos fantásticos no cotidiano simples de Narizinho, que vive em um ambiente rural, mas é transportada para o Reino das Águas Claras, um mundo mágico onde a lógica da realidade é substituída por regras próprias da imaginação. Este contraste entre o real e o fantástico permite que a narrativa ofereça múltiplas camadas de interpretação.

Essa transição ocorre claramente quando o Príncipe Escamado aparece para convidar Narizinho para o Reino das Águas Claras:

- O' de casa!
- Quem fala? respondeu Narizinho, fingindo não saber de nada.
- Sou eu, o príncipe Escamado, guarú de prata para te servir.
- E que queres tú, peixinho?
- Quero convidar a menina para conhecer os meus domínios, lá na cidade das Pedras Redondas, no Reino das Águas Claras.

(Lobato, 1920, p. 12).

Esse convite não só estabelece o ponto de partida para as aventuras no universo mágico, mas também simboliza a abertura para novas experiências e aprendizados que transcendem a realidade cotidiana. O uso da fantasia permite que Lobato aborde questões como a justiça e as hierarquias sociais de forma alegórica, facilitando a compreensão dos jovens leitores.

Zilberman (2020) argumenta que Lobato emprega a fantasia como uma ferramenta para provocar reflexões sobre temas como moralidade, justiça e relações de poder. O Reino das Águas Claras, por exemplo, com suas estruturas hierárquicas e as figuras do Príncipe Escamado, autoridade máxima do reino; das Formigas trabalhadoras, com quem ninguém se importa; do Sapo guardião do reino, subalterno e obediente; entre outros, permite a Lobato satirizar as instituições sociais e políticas do Brasil da época de forma acessível. Mesmo as situações cômicas, como a do Doutor Caramujo e sua enfermaria, carregam mensagens profundas sobre a ineficiência dos serviços públicos e o abandono de populações vulneráveis.

No entanto, a fantasia não é apresentada como um fim em si mesma. Ao final da obra, quando Narizinho retorna à realidade, há uma reafirmação da importância do mundo real, mas enriquecido pelas experiências vividas no universo mágico:

- A menina sentou-se na relva, esfregou os olhos, viu o ribeirão a deslizar como sempre e lá na porteira a tia velha de lenço amarrado na cabeça.
- Que pena! Tudo aquilo não passara dum lindo sonho...

(Lobato, 1920, p. 51).

Essa alternância final simboliza o aprendizado e o crescimento de Narizinho, sugerindo que as aventuras no mundo da fantasia oferecem ferramentas para compreender e enfrentar os desafios da vida real. Assim, Lobato não apenas diverte, mas também educa, utilizando a imaginação como ponte para questões éticas e sociais, contribuindo para a formação do senso crítico e do imaginário infantil de maneira inovadora e duradoura.

Representação das Relações de Poder

Monteiro Lobato destaca-se pela forma como retrata as relações de poder em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, conferindo às crianças, especialmente à protagonista Narizinho, papéis de liderança e autonomia que subvertem as normas tradicionais de autoridade – no livro, representadas principalmente na figura do Príncipe Escamado, que explica a Narizinho ao chegar à sala do trono:

— E' aqui a sala do governo, onde dou audiencias aos meus subditos e distribuo justiça, castigando os máos e premiando os bons. (Lobato, 1920, p. 16).

Em uma época em que as crianças eram vistas principalmente como figuras passivas e obedientes, Narizinho emerge como uma personagem ousada, capaz de tomar iniciativas e desafiar convenções sociais. Um exemplo disso é sua decisão de pregar uma peça no sapo guardião, uma figura teoricamente investida de poder policial, que acaba sendo alvo de sua criatividade e humor.

— Não! Não! interviu Narizinho. Vamos antes pregar-lhe uma boa peça. Tiramos as armas desse dorminhoco e vestimol-o com a roupa da Emilia. Imagine o espanto d'elle quando acordar! (Lobato, 1920, p. 14).

Essa cena é emblemática não só porque inverte os papéis entre guardião e criança, mas porque coloca Narizinho no protagonismo (no lugar do Príncipe) sobre a decisão de que castigo deve ser aplicado ao sapo. Com humor, Lobato desmantela a seriedade das hierarquias representadas. Narizinho age com independência e confiança, demonstrando que as crianças podem ser protagonistas de suas histórias e desafiar figuras de autoridade sem medo ou submissão.

Isso reforça a visão de que as crianças não devem apenas aceitar decisões impostas, mas têm o direito de questioná-las e buscar alternativas que considerem mais justas – como no exemplo já citado anteriormente, em que Narizinho intervém em favor do sapo ao solicitar ao Príncipe que o libere do castigo de manter as 50 pedras em sua barriga. Essa abordagem, conforme observado por Regina Zilberman (1984), é uma tentativa deliberada de mostrar que o público infantil tem voz e pode desafiar normas e estruturas.

Lobato, assim, utiliza a literatura infantil não apenas para divertir, mas para ensinar, promovendo uma visão mais crítica e ativa das crianças em relação às hierarquias e estruturas que as cercam. Ele transforma suas personagens em símbolos de autonomia e resistência, incentivando jovens leitores a verem a si mesmos como agentes capazes de moldar suas

realidades. Essa abordagem não apenas rompe com alguns padrões literários da época, mas também contribui para a formação de uma geração mais reflexiva e questionadora.

Considerações Finais

A Menina do Narizinho Arrebitado é muito mais do que uma obra de literatura infantil. Por meio de sua narrativa encantadora e de personagens icônicos, Monteiro Lobato oferece uma análise profunda de questões sociais e culturais relevantes, como a precariedade da vida rural, a ineficiência das instituições públicas e a necessidade de questionar figuras de autoridade. A fantasia, longe de ser apenas um recurso narrativo, é usada como uma ferramenta educativa que estimula o pensamento crítico e a formação do imaginário infantil. As reflexões de Regina Zilberman destacam como Lobato consegue, de forma única, equilibrar entretenimento e crítica social, transformando suas obras em instrumentos de debate e aprendizado para gerações de leitores.

A Menina do Narizinho Arrebitado é uma obra essencial para compreender não apenas a literatura infantil brasileira, mas também o contexto cultural e social do Brasil no início do século XX. Monteiro Lobato, com sua narrativa criativa e personagens cativantes, oferece uma experiência encantadora para leitores de todas as idades, transportando-os para um universo mágico que estimula a imaginação e a reflexão.

Contudo, é fundamental abordar a obra com uma leitura crítica e contextualizada. Algumas representações culturais e sociais refletem valores e preconceitos da época de sua publicação, que hoje podem ser problematizados. Esses elementos, embora evidenciem as tensões históricas do período, demandam um olhar cuidadoso para evitar que perpetuem visões inadequadas às sensibilidades contemporâneas. Por isso, *A Menina do Narizinho Arrebitado* deve ser lido como um produto de seu tempo, com seus méritos literários destacados, mas sem ignorar os aspectos que requerem revisão crítica.

Embora concebido para o público infantil, o livro também pode atrair leitores adultos interessados em revisitar o universo mágico da infância ou explorar a riqueza cultural e literária de Monteiro Lobato. Além disso, por seu caráter inovador e histórico, *A Menina do Narizinho Arrebitado* tornou-se uma referência acadêmica e pedagógica.

Assim, recomenda-se a leitura do livro tanto para fins literários quanto pedagógicos, desde que acompanhada de discussões que estimulem reflexões sobre os avanços sociais e culturais necessários desde sua publicação. Lobato conseguiu criar uma obra que, mesmo após mais de um século, continua encantando e desafiando seus leitores, tornando-se um clássico

que deve ser revisitado, mas também questionado. Assim, *A Menina do Narizinho Arrebitado* é uma recomendação positiva e valiosa, especialmente quando lida à luz de análises críticas e reflexivas.

Referências

LOBATO, Monteiro. **A Menina do Narizinho Arrebitado**. São Paulo: Revista do Brasil, 1920.

MENEZES, Remerson Bezerra; BUSSONS, Aline Maria Freitas. Racismo na literatura infantil brasileira: um olhar sobre Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato. **Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli**. v. 10, n. 4, nov-dez 2021.

ZILBERMAN, Regina. **Monteiro Lobato e sua fantástica máquina de criar**. In: Como e Por que Ler a Literatura Infantil Brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e suas fases. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 36. Brasília, julho-dezembro de 2010, p. 141-152.

ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In: _____. **Literatura infantil: formação de um campo de estudo**. São Paulo: Ática, 1984. p. 3-14.